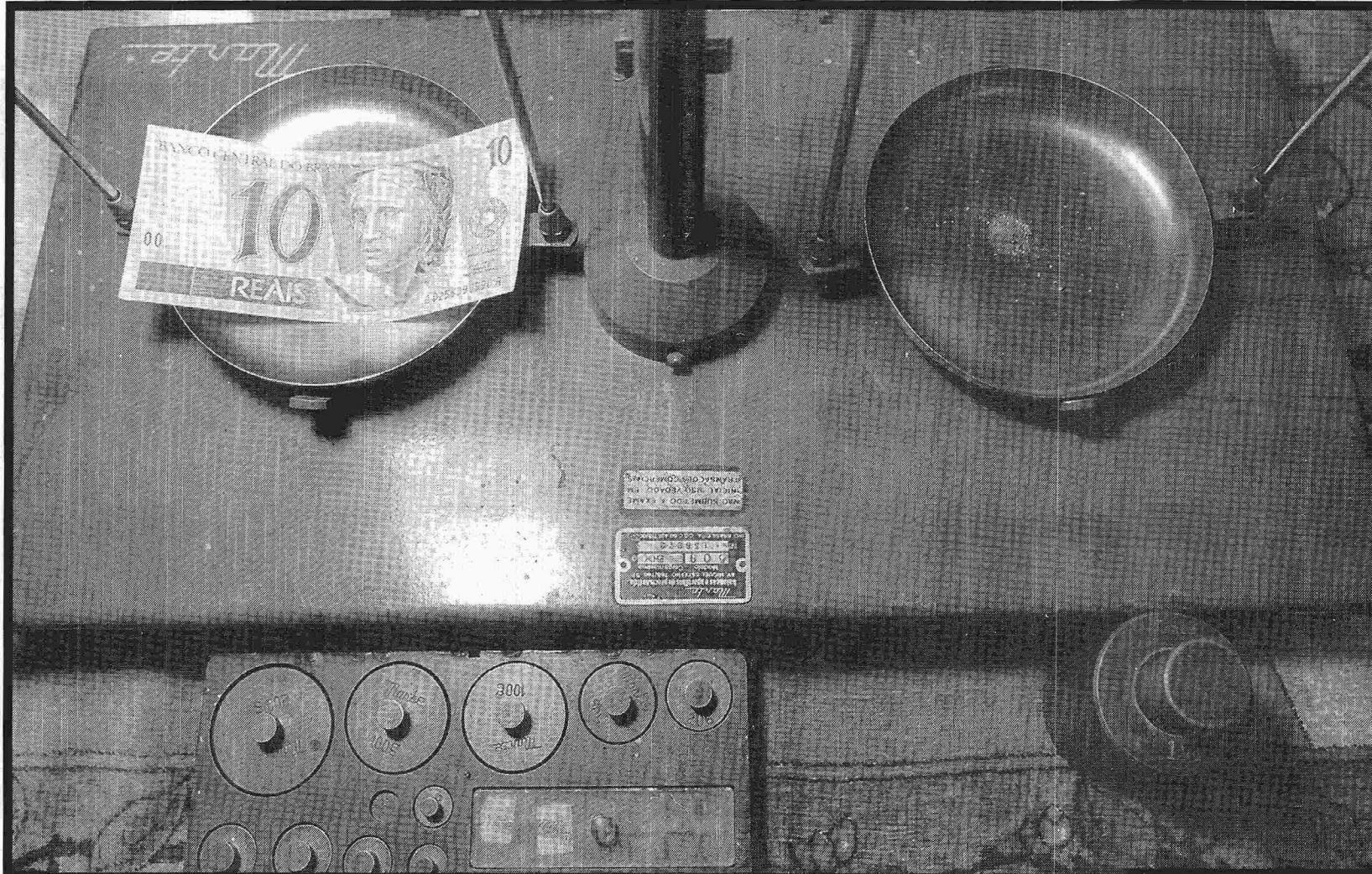


A FEBRE DO OURO

Liana Verdini
Da equipe do Correio

Carlos Moura 1-7-94



No sobe-e-desce do mercado, o ouro ganha mais peso que o papel-moeda: em 10 dias, valorização de 47% na BM&F, contra 41% para o dólar

A crise começa a mudar o comportamento do investidor brasileiro. O objetivo principal deixou de ser a busca pela melhor rentabilidade e passou a ser por maior segurança. Assustados com o rumo da economia, os brasileiros com algum dinheiro no bolso não se cansam de consultar as mesas de operações dos bancos para saber como comprar ouro. O metal voltou a ser a aplicação preferida, como ocorreu em setembro, quando a crise russa abalou o Brasil.

A procura por ouro tem sido tão forte que a aplicação já está rendendo mais do que o próprio dólar, que não se cansa de subir. Desde a mudança no câmbio, no dia 13, o metal teve valorização de 47% na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F). A moeda norte-americana, por sua vez, registrou um aumento de 41% em sua cotação. O desempenho melhora ainda mais quando se observa o comportamento dos preços desde o primeiro dia do ano. O ouro acumula alta de 52% e o dólar, de 41%, no mesmo período.

"Sempre em momentos de grande conturbação, os investidores buscam proteção comprando ativos reais, que existem de fato e não se desintegram quando há algum problema", explicou o analista financeiro Gil Deschatre, da Deschatre & Associados.

Os bens mais procurados nessas ocasiões são aqueles que permitem saídas rápidas em caso de necessidade. Nesse momento, só mesmo o ouro e o dólar despertam a cobiça de quem está com dinheiro disponível para aplicar.

"O movimento do ouro também está sendo influenciado pela falta de dólar no mercado", lembrou o ex-ministro da Economia Marclio Marques Moreira, consultor da Merrill Lynch. Ele admite que a instabilidade do dólar, normal depois

de mudança no regime cambial, tem assustado os investidores. "Foram poucos os momentos que o Brasil adotou o câmbio livre na história recente. O sentimento agora é de aprendizagem, de desconforto, de incerteza."

IMÓVEIS

A busca por investimentos palpáveis, porém, ainda não chegou ao mercado imobiliário. "Não sentimos nenhuma mudança no comportamento dos clientes", disse Joviel Llorente Barrio, presidente da Associação das Imobiliárias e Administradoras do Distrito Federal (Aiata). "A situação tende a mudar se a crise per-

sistir com a gravidade atual." O mercado imobiliário da capital do país só não parou de vez depois do agravamento da crise econômica porque muitos donos de imóveis decidiram se desfazer de seus investimentos para saldar dívidas mais altas. "Num momento tão incerto quanto o atual, ninguém está se arriscando a entrar num financiamento de longo prazo como o que envolve o setor habitacional", disse o presidente da Aiata.

Foi assim também no ano passado, depois que os problemas na Rússia fizeram tremer o Brasil. O setor imobiliário não se beneficiou com o receio dos brasileiros

em relação ao futuro. Na verdade, nem mesmo o ouro conseguiu atrair os investidores mais inseguros naquela ocasião. Mas despertou a cobiça de doleiros interessados em lucrar com a disparada da moeda norte-americana no mercado paralelo.

A operação predileta em setembro era bem simples. O investidor comprava ouro no Brasil, levava para o Uruguai, vendia por lá e trazia os dólares obtidos com o negócio pelo mercado de dólar flutuante (turismo).

Depois, esses dólares eram vendidos novamente pela cotação do paralelo. A diferença de preço entre os mercados flutuante

e paralelo chegou a ser de 15% no auge da crise, em setembro.

Ninguém descarta a possibilidade de que esse passeio esteja ocorrendo novamente. Mas, dessa vez, a operação está sendo feita de forma mais discreta. Isso porque o Banco Central (BC) passou a ficar mais atento a esses movimentos desde o ano passado. Afinal, o passeio do ouro é uma operação ilegal.

A atuação das autoridades foi redobrada porque o BC tem se mantido fora do mercado e os rumores sobre escassez de moeda para abastecer os interessados em retirar seus recursos do Brasil tem ajudado a aumentar as cotações do dólar.

SOBEM AS AÇÕES DE EXPORTADORAS

Se o dólar sobe, as empresas exportadoras lucram. Pensando assim, os investidores estão aproveitando para comprar ações desse tipo de empresa nas bolsas de valores. As cinco ações mais rentáveis da Bolsa de São Paulo até agora (veja no quadro abaixo) são de companhias que vendem a maior parte da produção para outros países. Exceto a empresa remanescente da Telebrás, cuja cotação acompanha os preços praticados na Bolsa de Nova York.

"Esses papéis estavam com seus preços defasados justamente por causa do problema do câmbio", explicou o gerente de operações da Sirotsky & Associados, Marcus Freitas. "Quando o dólar foi liberado, essas empresas foram beneficiadas e os investidores passaram a se interessar por esse tipo de ação."

O resto do mercado, porém, voltou a ficar fraco. "Com motivo", disse o economista e professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) Luis Carlos Ewald. "Estamos num momento recessivo e os empresários não conseguiram repassar o aumento de custo para os preços. A expectativa não é nada positiva nesse momento, mas só teremos certeza quando os balanços forem publicados, a partir de abril." (L.V.)

AS PÉROLAS

Ações	Oscilação*
Aracruz PNB	122,22%
Ferro Ligas PN	100,00%
Telebrás Remanescente PN	85,71%
Vale do Rio Doce PNA	65,33%
Ripasa PN	58,33%
Bovespa	7,92%

* Cotação na Bovespa do dia 1º ao dia 21 de janeiro

Fonte: Sirotsky & Associados

CUIDE DO SEU BOLSO

CARRO



Destinar um volume alto de recursos para comprar um automóvel, só em caso de necessidade. A economia atravessa um momento de intenso nervosismo e as incertezas são grandes. Quem precisa do veículo e está com o dinheiro na mão tem boas oportunidades, porque as revendedoras estão vendendo pouco. Não é aconselhável a compra a prazo, porque os juros altos encarecem as prestações

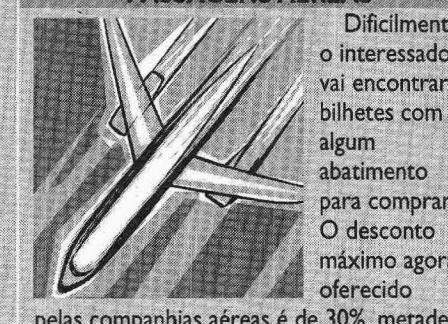
CARTÃO DE CRÉDITO



Nem pense em parcelar o pagamento da fatura. Os juros cobrados pelas administradoras continuam muito altos. Na média, segundo

levantamento da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), entrar no crédito rotativo custa 11,79% a mais por mês. O cartão é importante para adiar o desembolso de dinheiro até o vencimento da conta

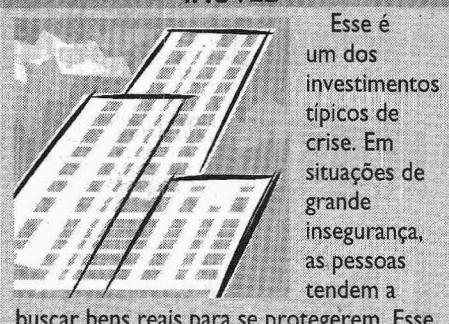
PASSAGENS AÉREAS



Dificilmente o interessado vai encontrar bilhetes com algum abatimento para comprar. O desconto máximo agora oferecido

pelas companhias aéreas é de 30%, metade do praticado antes da crise. Muito cuidado com o pagamento parcelado. As empresas reduziram o número máximo de prestações a cinco e cobram juros nessa operação. Por isso mesmo, não vale à pena financiar a compra da passagem

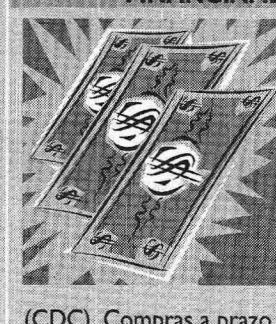
IMÓVEL



Esse é um dos investimentos típicos de crise. Em situações de grande insegurança, as pessoas tendem a

buscar bens reais para se protegerem. Esse é um bom momento para quem pensa em comprar um imóvel. A procura ainda não aumentou e os preços estão estabilizados. É aconselhável negociar algum desconto para pagamento à vista. Evite os financiamentos até o cenário clarear

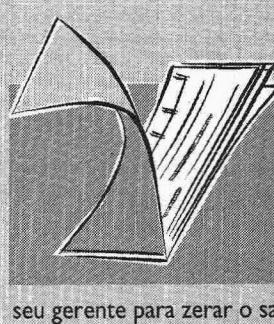
FINANCIAMENTOS



Bancos e financeiras estão aumentando as taxas cobradas pelos empréstimos pessoais e pelo crédito direto ao consumidor

(CDC). Compras a prazo estão caras e não devem ser feitas, a menos que a mercadoria seja essencial e a aquisição seja inadiável. Fique atento às promoções de desvenda de estoque dos comerciantes, quando bons produtos poderão ser adquiridos com descontos

CHEQUE ESPECIAL



Fuja da tentação de recorrer a esse tipo de empréstimo. Os juros são salgados e mesmo assim algumas instituições aproveitaram o momento delicado para subir um pouco mais suas taxas. Se for o caso, negocie um empréstimo pessoal com

seu gerente para zerar o saldo negativo da conta corrente. Especialistas lembram que a diferença de juros entre uma modalidade e outra de crédito é muito grande e compensa o transtorno. Lembre-se de que além dos juros, os bancos cobram também Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) por esse empréstimo

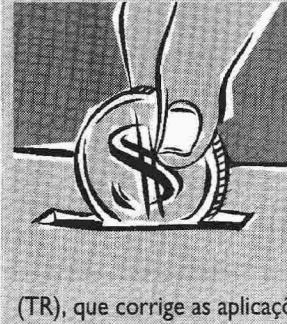
ALIMENTOS



O preço de alguns produtos começaram a ser reajustados nos supermercados da cidade. Uma explicação possível é que os comerciantes não puderam arcar com o aumento do dólar e dos juros. Mas é possível que exista algum empresário se

aproveitando da situação. Na dúvida, o melhor é trocar de marca ou até o cardápio da família para economizar. Nada de estocar alimentos em casa. O preço do que subiu cairá se o consumidor não comprar. Esse conselho vale, inclusive, para as promoções que foram suspensas depois da crise

CADERNETA DE POUPANÇA



Essa é a aplicação de quem não gosta de correr riscos. Os depósitos até R\$ 20 mil são garantidos por lei no caso de falência da instituição. Além da segurança, o investimento saiu beneficiado com o aumento das taxas, já que a Taxa Referencial de Juros

(TR), que corrige as aplicações na caderneta, acompanha o movimento do mercado financeiro. Os especialistas não recomendam a troca de aplicação. Mas se houver interesse, o investidor deve esperar o aniversário da poupança para não perder os rendimentos correspondentes ao mês

FUNDOS DE RENDA FIXA



Sempre que os juros estão altos, aplicar em renda fixa se transforma numa opção interessante. O investidor consegue bons rendimentos para seu dinheiro sem correr o risco desagradável de ver seu patrimônio evaporar da noite para o dia. Os

fundos DI são os mais seguros e rentáveis nesse momento, porque eles acompanham a oscilação das taxas. Os fundos de renda fixa simples não têm a mesma agilidade porque a maior parte da carteira é composta por papéis prefixados, isto é, de taxas previamente estabelecidas pelo banco

DÓLAR



A tremenda instabilidade do dólar tem chamado a atenção dos investidores para a moeda norte-americana. Bom para quem manteve a divisa no cofre antes das mudanças no câmbio. Mas comprar dólar agora não é uma boa alternativa, na

avaliação dos profissionais do mercado financeiro. A moeda está cara e difícil de ser encontrada. O pequeno investidor pagará caro, sem ter qualquer garantia de que os preços continuarão subindo. Os fundos cambiais continuam sendo uma alternativa interessante para quem quiser uma aplicação vinculada ao dólar

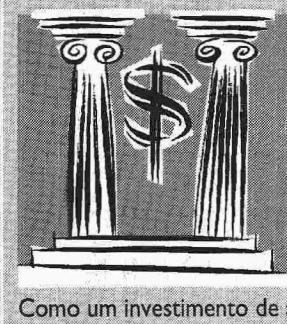
OURO



O metal voltou a brilhar no meio de toda essa crise. Os investidores mais previdosos passaram a comprar ouro para se proteger de um possível agravamento dos problemas vividos pela economia brasileira. Isso porque o metal, tanto

quanto o dólar, é negociado em qualquer parte do mundo. Essa garantia real do ouro fez disparar seu preço, que subiu mais do que o próprio dólar. É um sinal de que existem brasileiros desconfiados de que a situação do País poderá ficar ainda pior, fugindo ao controle das autoridades

AÇÕES



A enorme insegurança em relação ao futuro da economia atingiu em cheio o mercado de ações. Os investidores temem manter esse tipo de aplicação porque existe a possibilidade de a crise se agravar, comprometendo o resultado das empresas.

Como um investimento de alto risco, o preço dos papéis tanto pode cair quanto subir. Só é recomendado para quem pode manter a aplicação por prazo indeterminado e que não se importa com o sobe e desce do mercado. Os especialistas lembram que o momento de comprar é quando os preços caem

CERTIFICADO DE DEPÓSITO BANCÁRIO



Os Certificados de Depósito Bancário são aplicações de renda fixa, feitas por no mínimo 30 dias, com taxa prefixada, isto é, combinada com o banco no momento do depósito. É a aplicação mais oferecida pelos gerentes. O risco, nesse

momento, é muito grande, porque existe uma expectativa de aumento de juros, embora o Banco Central venha mantendo as taxas no mesmo patamar há três dias. Mas sempre existe a possibilidade de o aplicador conseguir taxas melhores na próxima semana, caso a crise continue se agravando